

*** REDACTOR PRINCIPAL ***
Alexandre Vieira
 *** EDITOR ***
Joaquim Cardoso
 Propriedade da União Operária Nacional
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
 Officinas de impressão—R. da Atalaia, 134—
 Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º—
 Lisboa—PORTUGAL
 End. telegr. Talha—Lisboa • Telefone: 1

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM GRANDE EXEMPLO

Por virtude dum acordo firmado entre os representantes da Federação do Livro e do Jornal, das empresas jornalísticas e da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, que serviu de mediação entre as duas partes em litígio, repare-se hoje os jornais de Lisboa, que há dias estavam suspensos em consequência do lock-out parcial-mantido pelos industriais do gráfico.

Essas bases desse acordo vão publicadas no lugar de *A Batalha*. A face de verifica que a solução do conflito deixa mal colocada qualquer das partes, posto que tendo ambas transigido, nenhuma delas levou a sua transigência ao ponto de poder considerar-se que haja, quer para os gráficos, quer para os industriais do gráfico, uma obra de dignidade.

O contrário do que pretendiam os gráficos, os gráficos não repudiaram o gesto que tiveram para com *A Batalha*, nem, pelo acordo que os representantes da sua federação corporativa de firmar, se negam a repetir esse gesto, desde que contra este ou outro quer jornal que mereça a sua solidariedade seja praticada uma violência contra os detentores do poder.

Certo que, segundo o acordo firmado, qualquer movimento em que não deva realizar-se sem que previamente a Federação do Livro e do Jornal se entenda com as empresas, mas as duas partes não chegaram a acordar, impedida que os operários, a sua própria força, que é assaz potente, como acaba de verificar-se, na prática o acto de solidariedade, ou material que achem oportuno.

Assim sendo, figura-se-nos que os camaradas gráficos regressam às suas casas, como era necessário que regressassem, de cabeça erguida, não cobrindo o gesto que tinham de envolver-se no acto que praticaram, mas os operários que podem orgulhar-se de haver realizado uma das mais belas demonstrações de solidariedade de que levadas a efeito por trabalhadores portugueses.

Se o acto dos camaradas gráficos em este órgão proletário de *A Batalha* e de *A Manhã* não impede a consideração da operária, e até dos nossos colegas adversários, há a encerrar um outro aspecto da sua atitude, que de per sua resistência na luta.

NOTAS & COMENTÁRIOS

O decantado decreto

Claro está que sem agitação palpável e sensível da parte do operariado não entrará nunca em execução o decantado decreto das 8 horas. Que também, a produzir-se essa agitação, melhor será ter ela por objectivo a imposição, ao patronato do almejado horário, que a emancipação dos trabalhadores há de ser obra deles próprios, também só a custa deles próprios podem ser conseguidas estas melhorias parciais que, dia a dia, nos cumpre conquistar. Ora se o operariado alençar, de sua própria iniciativa, a jornada de oito horas, não vemos que os legisladores se apressarão a publicar e meter em execução o decreto respectivo, tornado já então perfeitamente inútil—ou não fosse verdadeiro aquele velho preceito sindicalista que nos ensina que o Estado, em matéria de regalias operárias, só legaliza aquelas que já não tem força para impedir.

Os senhorios

A todo o momento nos chegam queixas contra a cupidiz insaciável dos senhorios para os quais ainda parecem modestos os preços altíssimos das rendas de casa. Parece que uma lei existe ali impedindo o aumento das rendas; o averiguado, porém, é que os senhores proprietários fazem o que lhes dá na gana e aumentam quando querem. Os flagelados inquilinos não sabem, em regra, como há de haver-se dentro da complicada engrenagem judicial para fazer respeitar seus direitos, e da circunstância se aproveita o sordido senhorio. De resto, leis de protecção aos de baixo, ponto é que elas atinjam os interesses dos de cima, não se cumprem, seja de quem for a culpa, mas não se cumprem. E publicarmos nós, de vez em quando, estes estêrteis protestos platónicos contra a ganância dos proprietários também, francamente, francamente, não dá nada. Do que se necessita é de combatermos os inquilinos uma acção enérgica—quanto mais enérgica mais eficaz—para impôr comediamente aos proprietários exploradores. O início dessa acção será, por certo, a recusa ao pagamento de rendas escandalosas. E tudo questão de combinação. Se for só um a não pagar, abicha a cadeia. Se forem mil a adoptar o mesmo gesto, alcançam o triunfo.

Consciência juvenil

Numa escola primária dum bairro de Paris, perorava o mestre, leccionando educação cívica moderna, a exemplo do que em Portugal se fez há anos, quando um decreto sobre instrução ordenava aos professores primários palestras sobre os mais eminentes vultos da nossa pitoresca República:

—O pai dos povos—exclamava o mestre—é o senhor Clemenceau!

E eis que nisto se ergue do seu banco um garotete duns onze anos, e brada:

—Perdão, senhor professor; o pai dos povos não é o sr. Clemenceau; é Jesus!

Claro está que o mestre-escola entupiu.

As causas da greve ferroviária

O que disse a um redactor de "A Batalha", um militante ferroviário

—Podia dizer-me qual o motivo principal do movimento ferroviário?

—É uma questão antiga, o que principalmente impulsiona o pessoal: a sua velha aspiração sobre reformas e pensões. O regime actual é a miséria para os reformados e a fome para as viúvas. Não pôde subsistir.

Segue-se imediatamente o pedido de aumento de salário. Os vencimentos dos ferroviários são insignificantes. Analise os factores ganham 36 escudos a 44 escudos mensais, atingindo este último ordenado ao fim de 15 anos de serviço, expostos a todos os riscos! Os chefes de estação ganham de 50\$ a 62\$ mensais, no fim de 25 anos, o mínimo! No pessoal da «via» ainda é mais flagrante a rebaixa dos vencimentos: Os assentados e guardas tem 15\$ diários; os chefes e sub-chefes de distrito vencem respectivamente 14\$ e 15\$, ao fim de mais de 12 anos de serviço! O pessoal das oficinas vence todo ele sensivelmente menos que o das indústrias particulares. Podia citar-lhe mais exemplos, em outros serviços, mas reconheço que era roubar-lhe um espaço precioso. Peço-lhe porém, para acentuar que aqueles vencimentos estão incluídas todas as subvenções.

Dizem que ao ministro anterior se deve esta greve. É verdade?

—Não tenho dúvidas a esse respeito. O período procedimento dessa triste figura da venenosa política camachista, que produziu muito calamidade e actual movimento grevista. Durante mais de 60 dias viemos sendo enganados!

—Qual o motivo de não serem prontamente atendidos?

—As nossas reclamações eram realmente complexas e como os caminhos de ferro não podem aumentar o preço dos seus serviços com a facilidade com que o faz qualquer empresa de carros, daí a demora, que contudo não justifica a espera de mais de 2 meses.

Dez dias bastavam para o estudo, disse-nos o sr. Brito Guimarães, há cerca de um mês!

—É verdade terem-se praticado actos criminosos por parte dos grevistas?

—Absolutamente falso! As peças tiradas às máquinas estão guardadas cuidadosamente e repõem-se nos seus lugares em poucos momentos. Houve, mas foi algumas ordens mal compreendidas e manobras mal executadas na precipitação com que se trabalhou. É a minha opinião.

—Se o governo militarizar os ferroviários—como se diz—qual a atitude da classe?

—O exemplo do bravo pessoal dos correios e telegrafos é tão recente e foi tão admirado pelos ferroviários que há de ser seguido... Quanto ao C. E. P., é composto de valorosos proletários que sabem muito bem que hoje os gráficos...

SAEM HOJE OS JORNAIS!

Soluciona-se o conflito entre as empresas jornalísticas e a Federação do Livro e do Jornal

Após 15 dias de luta em que a classe gráfica afirmou uma forma activa e nobre a sua consciência operária, sem que se verificasse um só acto de defeção, encontra-se solucionado o conflito entre as empresas jornalísticas e os tipógrafos dos jornais.

Nestes quinze dias de luta em que foi posta à prova não só a solidariedade gráfica, mas também a de toda a família proletária, é-nos grato registar que a consciência operária se afirmou de uma forma activa, de molde a dela nos tornarmos ciosos, e animando-nos a prosseguir na luta incessante em prol das classes trabalhadoras.

O gesto dos gráficos fica como um exemplo digno de ser imitado por todas as classes trabalhadoras, porque esse gesto traduz não somente um acto em que só um princípio moral foi defendido com uma consciência admirável.

A despeito da atitude pouco honesta do governo, que levou a sua parcialidade ao ponto de fornecer tipógrafos fardados para a execução das três edições da *Imprensa*, recrutando-os em todas as unidades do país, para onde foi enviada uma circular intimando-os a apresentar-se na secretaria da guerra no intuito evidente de desmoralizar os gráficos arreemados para a luta, verificou-se que esse expediente em nada influiu para que o moral dos tipógrafos se sentisse abalado. A contrastar com a atitude provocadora do governo há a forma serena e reflectida como os gráficos se conduziram, não cometendo um só acto que justificasse a intervenção da força pública, bem convencidos eles estavam da razão que lhes assistia.

Anteontem foi a Federação do Livro e do Jornal novamente procurada pela comissão da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, cuja intervenção já anteriormente tinha sido exercida no sentido de solucionar o conflito, e que tinha resultado estéril. Como surge da parte do governo o desejo de intervir no sentido de solucionar o mesmo conflito, entende a comissão dos Trabalhadores da Imprensa, com o fim único de eliminar a acção do poder central, por a achar contraproducente, dever reatar as relações no ponto em que tinham ficado suspensas, concordando a Federação do Livro e do Jornal com a razão exposta e aquiescendo ao desejo manifestado de que uma comissão da Federação, juntamente com representantes das empresas jornalísticas e outras da Associação dos Trabalhadores da Imprensa assentasse numa base definitiva que ao conflito puzesse termo.

Acceite a proposta, dentro de poucas horas se avistavam os supracitados representantes, tendo, ao cabo de três longas horas, acordado numa fórmula que, era sua convicção, trazia a solução do conflito com honra para ambas as partes litigantes, restando apenas a sanção das classes respectivas.

Prontamente esse documento à assembleia dos quadros dos jornais diários, que ontem, pelas 12 horas, se reuniu, foi, pelos representantes da Federação do Livro e do Jornal, exposto o que de concreto tinha finalmente ficado assente na reunião conjunta.

Sobre esse documento, que noutro lugar inserimos, recai acalorada discussão por parte de vários elementos dos quadros dos jornais e dos membros da Federação, sendo por fim aprovado por maioria.

Daquele assembleia partiram ao encontro dos representantes das empresas jornalísticas os delegados da Federação, com o fim de comunicar os resultados da assembleia gráfica, bem assim tomar conhecimento das deliberações tomadas na reunião das empresas que a mesma hora haviam reunido para o mesmo fim.

Em virtude dessas deliberações serem

Acordo entre as Empresas Jornalísticas e a Federação do Livro e do Jornal

Em harmonia com o princípio defendido pelas empresas jornalísticas, a Federação do Livro e do Jornal não imporia a essas empresas a suspensão dos jornais quando estes não fossem impedidos de circular.

As empresas jornalísticas, por sua vez, conhecem, como sempre reconheceram, a obrigação do Livro e do Jornal o seu direito e dever de defender os interesses morais e económicos da classe gráfica, especialmente quando se trate da paralisação de abastecimento provocada por assalto ou suspensão violenta de qualquer jornal.

A Federação usará desse direito de defender a classe gráfica por forma a não prejudicar as empresas jornalísticas que não alheias ao conflito, às quais, de futuro, restamente se dirigirá.

As empresas jornalísticas apreciarão o quanto que lhe for submetido e sobre ele prontamente se pronunciarão.

As empresas jornalísticas entendem que as empresas jornalísticas não são obrigadas a pagar aos operários gráficos os dias em que estes se conservarem em greve, mas limitando-se a pagar-lhes o valor da sua determinação momento, houve greve ou lock-out, e, em tais partes entregam a resolução das dúvidas a decisão de um árbitro que não pertencerá a nenhuma das classes interessadas, mas da confiança dos litigantes.

A decisão do árbitro será respeitada em absoluto por ambas as partes.

As empresas aceitarão o restabelecimento imediato das relações com a comissão da Federação do Livro e do Jornal para alterar as negociações entabuladas acerca das reclamações pendentes.

Acceite esse acordo, da de como imediatamente terminada a suspensão dos jornais, em exercendo as empresas jornalísticas sobre o seu pessoal, nem este retaliará os colegas, os seus colegas que não aderiram ao movimento.

Lisboa, 3 de julho de 1919.

Pelas Empresas Jornalísticas
 Hermenegildo Neves
 João Pereira da Rosa

Pela Federação do Livro e do Jornal
 Manuel da Conceição Afonso
 Alfredo Neves Dias

Pela Associação dos Trabalhadores da Imprensa
 Lúcio de Morais

De Setúbal a Cezimbra

Aos esclarecimentos já prestados respeitantes ao programa da bela excursão marítima de Setúbal a Cezimbra, promovida por um grupo de camaradas de Setúbal com o fim de angariar receita destinada a auxiliar as famílias dos operários jornalísticos e o nosso jornal, temos hoje a acrescentar o facto de acompanharem os excursionistas uma banda de música e um outro grupo musical, sob a regência do hábil maestro setubalense, sr. João Tavares.

Pelo bem elaborado do programa, se pode prever que o passeio do próximo domingo constituirá uma festa extraordinariamente animada, em que a falta de nenhum atractivo se faz sentir. Por essa razão é que o operariado não só de Setúbal mas também de Lisboa se sente disposto a auxiliar tam simpática iniciativa. Da resto, o objectivo que a partida é digno e de molde a merecer as simpatias de todos.

A excursão efectuar-se há nos magníficos vapores *Setúbal* e *Machado II*, sendo a partida de Setúbal às 5 horas e a chegada a Cezimbra às 8. O regresso a Setúbal efectuar-se há cerca das 19 horas, sendo o preço dos bilhetes de 1900, e ficando o imposto do selo a cargo do público.

Operários vidreiros restituídos à liberdade

Gracias à intervenção do Conselho Jurídico da U. O. N., foram postos em liberdade ontem, pelas 15 horas os dois delegados que a Associação dos Vidreiros da Amora havia enviado ao Porto e ali foram presos, acusados de irem fazer propaganda sindicalista.

Os presos, que, como ontem dissemos, vieram para Lisboa e estavam na esquadra do Caminho Novo, são os camaradas Artur Palet e Frederico Rodrigues Gonçalves, que a referida associação ali havia enviado.

Amanhã ocupar-nos hamos mais desenvolvendo o assunto.

"O Combate" reiniciado

A quando da vinda dos deportados, trazia *O Combate*, conforme os leitores já sabem, uma *en-lête* na qual se comunicava ao público boquiaberto que, se eles regressavam, se os tinhamos entre nós, se os seus lares os iam receber, fora porque o sr. Dias da Silva o havia conseguido, fora devido à sua intervenção.

Notamos o caso com a natural estranheza que o caso produz em quem acompanhou de perto as *démarches* e as fases da questão, pois convencidos estávamos, como dissemos, de que fora a acção do Conselho Jurídico, apoiada na agitação da organização operária e na campanha feita em *A Batalha*—em parte pela colaboração do mesmo Conselho—que conseguira o êxito, de resto ainda incompleto.

Pois, apesar disto, *O Combate* reiniciado. Lá vinha ontem uma nota em resposta ao nosso comentário dizendo que, não negando a acção e agitação a que nos referimos, fora efectivamente o sr. Dias da Silva que resolvesse o caso por que o decidira, com os seus colegas, em conselho de ministros.

Ora é pena que *O Combate* reiniciado no caso, levando-nos a dizer-lhe e a lembrar-lhe que esta Lisboa não passa de uma grande aldeia aonde todos nos conhecemos e aonde no próprio dia ou no dia imediato, do mais secreto conselho de ministros, toda a gente sabe as mais secretas coisas lá discutidas e resolvidas.

Pois é assim. E, como é assim, nós sabemos que o sr. José Relvas declarou nos últimos dias do seu governo, logo que lhe foi entregue o relatório, que ia ordenar o regresso dos deportados. Sabemos igualmente que o sr. Domingos Pereira a primeira vez que foi entrevistado sobre o assunto pelo Conselho Jurídico manifestar a sua concordância com a reclamação justa que lhe era feita. Temos também conhecimento de que o primeiro conselho de ministros desse ministério o dr. Ramada Curto, que também já fora nessa altura abordado, sobre o assunto, pelo outorgado do Conselho Jurídico—defendera abertamente o regresso dos deportados dizendo mesmo: «meus amigos, eu não sou conservador. Os *homens* estão ilegalmente em África. Logo tem que regressar-se o estabelecido e fazê-lo regressar ao país e imediatamente! É preciso legalizar essa situação, desfazer a arbitrariedade».

Sabemos que o sr. Dias da Silva não se aconselha, como noutros, acompanhando...

Os deportados



Os camaradas que regressaram de África, depois de ali sofrer inúmeras torturas e privações, de que *A Batalha* largamente se tem ocupado, e cujo retrato, em grupo, acima publicamos chamam-se:

Justino Camacho, José Francisco Agostinho, Valentim Camacho, Manuel Felismino, José da Silva Campos, António Vicente Portela, Joaquim António Bruno, José Bruno, Francisco Rosa Gonçalves, António Pacheco, Manuel Hilário, José Salvador, Jacinto Cardozo, António Malveiro, Joaquim Leonor, José Porfírio, Francisco Maria, Manuel Domingos e António Ramos Paço Sêco.

Esses camaradas partiram na terça-feira para as suas terras, tendo-lhes sido pagas pelo Conselho Jurídico da U. O. N., as despesas de hospedagem. A Comissão Administrativa da U. O. N. distribuiu a cada ex-deportado, a quantia de 400, enviando as famílias dos rurais que ainda ficaram em África, igual quantia. Durante a viagem, faleceu o desventurado camarada José Romão, devido às doenças adquiridas em África e ao esgotamento resultante do regime a que todos os deportados estiveram sujeitos.

Ainda ficaram em África, os seguintes camaradas: Frederico Manuel Luís, Francisco José Murreiros, José Joaquim Amores, Custódio Paulino, José Marreiros, António Zacarias, Manuel João, Inácio Morais, João Monteiro e Manuel António Balinhas.

A carta de Bethmann Holweg como a aprecia o "Petit Journal"

PARIS, 1.—O *Petit Journal* comentando a carta de Bethmann Holweg ao sr. Clemenceau, diz que não há razão para aquele se substituir ao kaiser, que era quem realmente governava; de mais há lugar no tribunal para todos tanto para o mesmo Bethmann, como para o kaiser e para os outros culpados.

O *Homme Libre* diz que, tanto um como outro tem responsabilidade; porém, o facto de se pedir que o castigo recaia sobre uma só cabeça não constitui para Bethmann nenhum direito a indulgência da parte do tribunal.

Todo o trabalhador consciente tem o dever de auxiliar e propagar *A Batalha* e *Avante!*

Os casos de Odessa e da Crimeia

O que se diz no parlamento francês—Carta dum marinheiro—A manifestação em Toulon—Que houve em Tolosa?

Os jornais franceses, que estão ainda sob o olhar vigilante de Madama Anastácia, trazem-nos novos promotores das insubordinações de soldados e marinheiros franceses em Odessa e na Crimeia, acontecimentos discutidos no parlamento. Também nos confirmam os sucessos de Toulon, Brest e Tolosa, para desmascarar as alminhas desassossegadas que nos supunham capazes de inventar essas coisas feias.

Passemos por cima das revelações feitas na Câmara sobre o marfrio do exército francês do Oriente e sobre o terror e desorganização introduzidos em Odessa (como antes em Arcangel) pelos Aliados—que iam dar o bom exemplo aos bárbaros russos... E sobre muitas outras coisas, aliás interessantes.

Bem tratados e defendidos pelos bolcheviques, que lhes protegeram a retirada em Odessa, os soldados e marinheiros franceses recusaram repetidamente combater contra o exército vermelho.

A este respeito foi lida no parlamento a carta dum marinheiro, que exprime bem os motivos da recusa e o estado de ânimo dos insubordinados:

«Nós não queremos combater a revolução russa, na qual ninguém percebe nada, incluindo os oficiais. (Aplausos na extrema esquerda e vários barulhos)»

«As classes de 1905 e 1906, cuja desmobilização fora ordenada já, continuam a bordo.»

«Tínhamos uma alimentação in-

tragável: feijão encarnado com mel, resto de antigos lotes, batatas podres ou semipodres, arroz grado insustentável.

«Os repatriados de Odessa eram sem excepção burgueses. Nós, os franceses, tínhamos que servir de lacaios a esses senhores, armando embarcações, enchendo os depósitos de carvão, e tudo para eles poderem abandonar corradamente o seu país em revolução. (Aplausos na extrema esquerda)»

«Em vários bancos da extrema esquerda—isto é Coblentz!»

«Por ocasião da evacuação de Odessa, os bolcheviques, longe de atirar sobre nós como podiam fazer, ajudavam-nos na retirada. Ao chegarmos a Sebastopol, acabava o *Jean-Bart* de disparar sobre eles não sei quantos tiros de peça, para lhes agradecer!»

«Quando a manifestação de solidariedade efectuada em Toulon perante o almirante Lacaze e em Brest, é perfeitamente exacta: «Não consentimos que se toque num cabelo dos insubordinados e para a Rússia ninguém mais sairá daqui!»»

A imprensa diz isto sem estôrnio. Já não sucede o mesmo quanto a certas manifestações graves de soldados, havidas em Tolosa, sul de França, com bandeiras vermelhas, a *Internacional*, o diabo. A este respeito é que os jornais franceses trazem largas clareiras. Que terá havido?...»

Casas de obras

Prossigue o movimento sem tibieza por parte dos gráficos que agora se encontram mais entusiasmados pela vitória, em virtude da solução do conflito com os quadros dos jornais.

Hoje reinem, em assembleia magna, pelas 15 horas, todos os quadros das casas em greve e loucadas.

CHADO TERRASSE Soirée élégante

se apaga, 2 partes.—As últimas aventuras de Maciste, 2.^a jornada das "Aventuras de Maciste", 4 p.—Vitima da sua vingança, 5 partes.—Linha da segunda feira estreia da 3.^a jornada das "Aventuras de Maciste", 4 partes.—5 partes.

No Seixal **Últimas notícias**
Trabalhadores construtores de linha ferroviária e a Companhia e as reclamações apresentadas ao governo

civil deste conceito, os semanaradas
saíam na construção da linha do
a Caciñas, para tirar das recia-
de alimento de salário que, feitas

— **Os bolchevistas av...**

LONDRES, 2.- A Agência ter diz que os bolchevistas **naum a avamar na tentat** al e que id **culia a deici** marchas de Perm.—**3.**

As preas in Imb...

Depois da greve

PARIS, 2. — O governo resolveu mobilizar os contingentes de 1916 e 1909 a partir de 9 de julho. Agosto. — F.

[illegible]

de Oliveira, Avenida Duque de Ave-
rio, foi empenhado dois cortes de co-
valor de 320,00, e um outro, moru-
rimo Conde das Antas, de ter em-
penhado dez cortes de sabedal, no
12000.

[illegible]

de Marinho resolveu ao Conselho
o seguinte: convidar.

...do colar de um cervo, desce
se torna.

**Carlos de Salgado Pá-
blica de Goias**

...do 11.º aniversário desta insti-
tuição. Para isso, o diretor de Es-
tado e o governador de Goiás, de-
clararam o dia 11 de novembro de 1964

ENTRONCAMENTO, 3.º ANO
Segundo informou o diretor de
Educação, o primeiro aniversário do
colégio será comemorado em 1965, no
dia 11 de novembro.

GAIA, 3, de 20.30. — Não se sabe ainda, nem agora, quem tem o monopólio que os grandes produtores de açúcar terão quando forem abertos os mercados.

As vendas ocorrerão em 10 paragens de autocarro, começando às 6h30 e terminando às 18h30.

De resto, as viagens são semelhantes ao embaixadamento e expostão de

o, todas as mudanças. A 70
a cidade de Pôrto Alegre, e
tudo a meio da manhã, e
acertar que o *casal* da par-
tida comercialmente a que di-
través porções variáveis
personal superior e se comu-
da área Norte: vi-
bal que quer-
eul se o *casal* de pro-
VIZEU, S, às 19.51. - O pes-
tudo a rede da Beira Alta

Londra	670	677
Madríd	545	548
New-York	1229	1250
Rio de Janeiro	14 58	
São Paulo	2302	
London	2852	
São Paulo		
Banco Inglês	5 00	
Mercado N.Y.		

do Banco França	5,00	
Banco de Portugal	5,12	
	9840	1850
ouro	110 000	120 000

atura do ar em: 3.—Lisboa, 23,2; Coimbra, 18,6; Madrid, 19,0.
—Lisboa, NNE; Porto, 7; Coimbra, Madrid, C.
propalad hoje.—Vento fraco em NE; céu nublado ou de algumas

QUE MORREM

FALECIMENTOS

...a inteira, após doloroso sofrimento.

Festas artísticas

Noite de grandiosas festas de a Avenida, em homenagem ao seu artista Gran Fregolado, que no espectra a sua despedida trágica.

FUNERAIS

representar, em sessão, a Associação "Aquí d'El-Rei".

CARTAZ DO DIA

TRINDADE - A's 21, 30 - "24 de Junho de 1964".
 GINASIO - A's 21, 15 - "Carta do Dia".

OBITUÁRIO
 Desse infortunado dia 2 de julho sa-
 ram os Preses:
 Sr. Barbosa, 21 a; Sr. Ovídio, 21 a;
 Sr. Bernardo, 21 a; Sr. Vitoria Peres,
 45 a.

CHALADO TERRASSE - Anuncio de concerto.

Quinto Cordeiro Costello, 52 a.;
Joe Joe Franco, 26 a.; Joaquim Pen-
na, Maria da Luz Aires de Azevedo,
Lancelotti Alves Pereira Calado, 57
anos.

Sexta:
Rodríguez Coelho, 83 a.; Julia
Francisco Leal, 53 a.; João Franco, 50
anos; José Rodrigues e Fernandes,
72 a.; Maria Rêta Gonçalves
da S., 10 m.: nomeado do sexo femi-

A's quintos feiras e domingos, pa-
ra jogos e outros divertimentos.
TEATRO RECREATIVO DA GILDA
do 29.º ao 3.º bómago, segunda-fei-
ras, feiras, com a "Viésa Alegre"
cais, e Canto Celestial.

ANJOS-AS 2.ª Companhia, adaptada
por António Gregório e encenada por
CHANCELER-Adriano Aguiar e o
seus danças.

PROMOTORA-Especialidade em
aos domingos, segunda e quinta